

Medicalização: contribuições da educação musical para o desenvolvimento da atenção voluntária em crianças da educação infantil**Medicalization: contributions of musical education to the development of voluntary care in children's education children**

DOI:10.34117/bjdv5n11-144

Recebimento dos originais: 10/10/2019

Aceitação para publicação: 13/11/2019

Cleudet de Assis Scherer

Professora do Colegiado de Pedagogia- UNESPAR/ Campus de Campo Mourão
Instituição: Universidade Estadual de Maringá/Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão.

Endereço: Rua Laurindo Borges n. 1846, Centro - Campo Mourão, Paraná – Brasil.

E-mail : cleudet@yahoo.com.br

Adriana de Fátima Franco

Professora do Colegiado de Pedagogia- UNESPAR/ Campus de Campo Mourão
Instituição: Universidade Estadual de Maringá. Endereço: UEM - Maringá, PR – Brasil.

E-mail: adrifranco@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é discutir as contribuições da educação musical para o desenvolvimento da atenção voluntária em crianças da educação infantil e suas implicações no processo de medicalização. Eleger-se-á como procedimentos de pesquisa uma investigação teórico-conceitual dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural e do Materialismo Histórico Dialético como fundamento filosófico e metodológico para a compreensão do psiquismo. Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano depende, principalmente, das apropriações de signos e instrumentos culturais, sob condições históricas, ou seja, forma-se pelas mediações consolidadas pela vida coletiva, pela prática social do conjunto dos homens e por processos educativos. Pautamos na possibilidade de que a música como linguagem cultural contribui para o desenvolvimento da atenção voluntária por meio da organização do ensino com essa finalidade e apropriação de conceitos musicais. Dessa forma, acreditamos que influirá positivamente em condutas de medicalização para tratamentos de sintomas decorrentes de seu não desenvolvimento.

Palavras-chave: Educação Musical. Psicologia Histórico-Cultural. Medicalização.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the contributions of music education to the development of voluntary attention in children of kindergarten and its implications in the process of

medicalization. It will be chosen as research procedures a theoretical and conceptual investigation of the assumptions of Historical-Cultural Psychology and Dialectical Historical Materialism as a philosophical and methodological foundation for understanding the psyche. From this perspective, human development depends mainly on the appropriations of signs and cultural instruments, under historical conditions, that is, it is formed by the mediations consolidated by collective life, by the social practice of all men and by educational processes. We are guided by the possibility that music as a cultural language contributes to the development of voluntary attention through the organization of teaching for this purpose and the appropriation of musical concepts. Thus, we believe it will positively influence medicalization conducts for treatment of symptoms arising from its non-development.

Keywords: Music Education. Historical-Cultural Psychology. Medicalization

1 INTRODUÇÃO

Uma das razões que evidenciam a importância da música, na sociedade contemporânea é a possibilidade de promover o desenvolvimento do ser humano. Conforme estudos realizados por diferentes autores (Loureiro, 2003; Brito, 2003; Figueiredo, 2011) este desenvolvimento, não é desencadeado, por meio de adestramento e alienação, mas mediante a conscientização, a interdependência entre corpo e mente, entre razão e sensibilidade, entre ciência e estética, contribuindo para abrir espaços à liberdade de criação e recriação de sua própria ação. Defendemos, nessa perspectiva, que a atividade educativa musical pode contribuir para o desenvolvimento do psiquismo, uma vez que segundo as Diretrizes Curriculares de Arte e Artes para a Educação Básica do Estado do Paraná (Paraná, 2006), o ensino da música, pode interferir e expandir os sentidos, a visão de mundo, aguçar a capacidade criativa e situar o sujeito na realidade histórica.

Os aportes da Psicologia Histórico-Cultural tal como propõe Vigotski, Luria e Leontiev e seus precursores, destacam que o psiquismo humano se desenvolve na relação dialética entre o orgânico (cérebro) e apropriações e objetivações dos instrumentos culturais (objetos sociais elaborados por meio do trabalho humano) e signos (linguagem oral, escrita, artes, entre outros) mediadas por outros seres humanos. Ou seja, afirmam que o desenvolvimento cognitivo é resultado da internalização de signos da cultura, ressaltando a interdependência existente entre a formação dos comportamentos complexos e a transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados. Trazem elementos importantes para a compreensão de que os conhecimentos artísticos e científicos ao ser organizados e apropriados pelos indivíduos podem se transformar em instrumentos mediadores que suscitam e impulsionam o desenvolvimento de funções psicológicas superiores.

Nesta perspectiva, Vigotski (1995) explica que as funções psíquicas: (sensação, percepção, atenção, memória, linguagem, pensamento, imaginação, emoção, sentimento) são superadas, se complexificam e passam de involuntárias para voluntárias por meio das relações histórico-sociais estabelecidas com o meio cultural. Isto é, as crianças desenvolverão ou não as potencialidades plenas do gênero humano dependendo das possibilidades de mediação dos instrumentos e signos que lhes serão propiciadas.

Dado preocupante nos estudos realizados com crianças da Educação Infantil por Franco, Tuleski, Eidt (2016) informam que a qualidade das mediações simbólicas e instrumentais pode influir positiva ou negativamente para que problemas na aquisição de funções específicas sejam direcionados para o âmbito médico. Assim, crianças pequenas são medicalizadas e culpabilizadas pela não aprendizagem e não desenvolvimento. Para responder essa inquietação, neste texto, refletiremos por meio de pesquisa bibliográfica, como os conteúdos da música podem contribuir para o desenvolvimento de funções importantes para a constituição do psiquismo?

Para tanto, partiremos da compreensão do fenômeno da medicalização e em seguida, discutiremos algumas contribuições do ensino de música e da Psicologia Histórico-Cultural para o enfrentamento desse problema na escola da infância.

2 MEDICALIZAÇÃO: ALGUNS APONTAMENTOS...

Para compreendermos o que é o processo de medicalização, torna-se necessário contextualizar mesmo que de forma breve, o percurso histórico da educação no Brasil. Conforme afirmam Moysés e Collares (2014, p. 51) a escola brasileira é “[...] historicamente produtora de fracassos, também historicamente atravessada por processos medicalizantes, construídos e construtores de preconceitos. Uma instituição medicalizada, adoecida e adoecedora desde seu início”. Nesse sentido, a escola gerada pelas necessidades produzidas pela sociedade, tem perdido a função de contribuir para a humanização dos indivíduos ao ser destinada a uma parcela privilegiada da população, articulada aos interesses dominantes de uma dada sociedade. Ao trazer para o seu contexto sociocultural a individualização do fracasso ou problemas escolares, se reduz questões complexas que envolvem diversos fatores historicamente geradores de não aprendizagem, a explicações circunscritas a um único domínio: a medicina. Nessa perspectiva, a **medicalização** diz respeito ao processo de conferir uma “aparência de problema de saúde a questões de outra natureza, geralmente de natureza social” (Souza, 2010, p.9). Desse modo, compreender os problemas educacionais de forma

individualizada e organicista comportamentos considerados inadequados – como indisciplina, falta de atenção, agressividade e agitação do aluno são diagnosticados patológicos necessitando de tratamento e remédio (Leonardo e Suzuki, 2016).

É importante destacar que grande quantidade de crianças são medicadas cada vez mais cedo, em detrimento a mediações socioeducativas formadoras de funções psíquicas superiores, com medicamentos tarja preta que as afetarão no restante de suas vidas. Pesquisas (Franco, Tuleski & Eidt, 2016) apontam para tratamentos com medicamentos que não deveriam ser usados em crianças ou que não tem indicação para os ditos “transtornos comportamentais” entre eles a Ritalina e o Rispredona. O mais utilizado, a Ritalina trata-se do metilfenidato, do grupo de anfetaminas, que atua como estimulante do sistema nervoso central, potencializando a ação de duas substâncias cerebrais: noradrenalina e a dopamina. Na bula do medicamento, destacam-se algumas informações: pode provocar muitas reações adversas, e o pior, seu mecanismo de ação no homem ainda não foi completamente elucidado e o pior, pode causar dependência física ou psíquica. Cabe destacar que, com medicamentos tão controversos, como afirmam Moysés e Collares (2014) crianças recebem essas drogas por prescrição médica e são drogadas como método de controle social. Nesse contexto, será que podemos afirmar que a criança aprenderá melhor utilizando essa droga?

Patto (2010) explica que o fracasso escolar tem seu fundamento em uma sociedade de classes, a qual reproduz a ideologia da classe dominante. Rotula o aluno pobre como não apto ao trabalho intelectual, ou seja, lhe apresenta uma escola de acolhimento social, com conhecimentos mínimos para se adaptar a vida, e promove o aluno burguês como apto para tal tipo de trabalho, propiciando a ele uma escola com conhecimentos técnicos e científicos para ocupar lugar de destaque na sociedade capitalista. Nesse sentido, é importante medicalizar para deixar esse aluno mais “obediente”, para se concentrar mais na sala de aula, enfim, não atrapalhar o cotidiano escolar,

Outra forma de individualizar comportamentos considerados inadequados é culpabilizar problemas familiares como únicos responsáveis, deixando de lado o contexto escolar, social e histórico, esquecendo que nos desenvolvemos por meio das relações sociais entre os homens e apropriações culturais das máximas produções humanas (Leonardo & Suzuki, 2016).

Nesse sentido, se são os signos e instrumentos culturais que promovem o autodomínio da conduta, ou seja, o desenvolvimento de funções psíquicas superiores, como são oferecidas as mediações propiciadas pela escola nesse processo de insucesso escolar?

Segundo as autoras (Franco, Tuleski & Eidt, 2016, p. 209), precisamos compreender a rede de relações em que estão imersas as crianças, relações estas que podem ser de modo a “estancar, dificultar ou promover o desenvolvimento psíquico”. Se compreendermos que de acordo com os autores da Psicologia Histórico-Cultural a formação dos sujeitos depende mais dos aspectos socioculturais e do ensino escolar do que do organismo biológico, devemos pensar em métodos e formas educativas que desenvolvam as potencialidades necessárias para a humanização das crianças. Essas breves considerações nos levam a pensar se poderia a educação musical contribuir para a não medicalização de crianças da educação infantil?

3 DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO VOLUNTÁRIA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Vygotsky (1991) explica que a interação social é fator no e por meio do qual as capacidades características humanas, produzidas ao longo das gerações passadas, são apropriadas e modificadas pelo indivíduo. Em outras palavras, é pelo processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre a história sociocultural e a história individual que ocorre a formação humana, por meio da apropriação da linguagem e dos objetos físicos.

Dizer que o ser humano é social significa afirmar que ele pertence a uma determinada sociedade, que sua individualidade é constituída pelas relações sociais das quais participa, segundo Marx e Engels (2007, p.41) “[...] a efetiva riqueza espiritual do indivíduo depende inteiramente da riqueza de suas relações reais”. Concordando com o autor podemos dizer que, a criança é desde o seu nascimento um ser social, e que a humanização ocorre juntamente com sua aprendizagem como participante no mundo da cultura.

Desse modo, para a Psicologia Histórico-Cultural, o psiquismo humano não é produto de amadurecimento orgânico, sem deixar de lado o aparato biológico, mas é concebido na e pela atividade do indivíduo.

A criança não nasce com seu desenvolvimento pré-determinado, ao contrário, sua exposição à cultura e à língua específica determinam sua forma de perceber o mundo e a si mesmo. A linguagem relaciona-se à transmissão de um conteúdo dotado de significado social. Quando o ser humano começa a falar, a capacidade de recordar revela transformações qualitativas nas operações psicológicas, sendo essa transição marcada pela redução dos processos mnêmicos da capacidade de memorização figurativa direta, por domínios conquistados com a interposição de meios auxiliares, de signos, ou seja, outras conexões

funcionais da memória por meio da linguagem. Pois, a linguagem atua como estímulo reforçador de tais conexões, além evidentemente, de constituí-las. Sokolov (1969) explica que a memória é como o reflexo do que existiu no passado; sem a sua fixação à criança não poderia acumular experiências para usá-las em outras atividades, não reconheceria objetos a sua volta, portanto, não poderia orientar-se no meio que a rodeia. Enfim, sem fixar a memória não seria possível nenhum ensino, nenhum desenvolvimento intelectual e prático.

A música ajuda a desenvolver a capacidade de concentração imediata, da persistência e de dar respostas à constante variedade de estímulos, facilita a aprendizagem, ao manter em atividade os neurônios cerebrais. Estimula também a memória verbal e escrita, pois uma canção pode ser o relatório de uma leitura, e as notas ensejam o mesmo significado das palavras. Amplia seu repertório de palavras e a sua visão de mundo, não com repetições monótonas, mas com conhecimentos que fazem parte de sua vida e por meio de apropriação de seus bens culturais produzidos socialmente.

A atenção é uma função de grande relevância para o desenvolvimento psíquico da criança. Gonobolin (1969) explica que o fundamento fisiológico da atenção está na excitabilidade ótima centrada em determinadas zonas do córtex cerebral e na inibição simultânea das demais zonas corticais; explica também o papel importantíssimo da atenção nas funções perceptivas que são premissas indispensáveis para qualquer atividade humana. Ainda sobre essa questão, Luria (1991) argumenta que o homem tem a capacidade de selecionar estímulos mais importantes dentre os inúmeros recebidos para sua atividade, sem essa seletividade, não ocorreria o pensamento organizado voltado à solução de problemas colocados em seu cotidiano.

A atenção pode ser dividida em dois componentes: a atenção involuntária, em que aparece o estímulo onde não existia, mas, em dado momento atua sobre o sujeito, sobretudo quando se refere às diferenças sensíveis, como a forma, seu tamanho, sua cor e a duração de sua ação. E a atenção voluntária, baseada na atividade consciente, que se vale das conexões formadas pela experiência passada, entre uma e outra tarefa.

Para Luria (1991), é grande a importância da instrução verbal do adulto para a orientação seletiva da criança, uma vez que, para que ela ocorra, é necessária à síntese prévia dos elementos nela incluídos. “A formação da atenção arbitrária abre caminho para a compreensão dos mecanismos interiores dessa complexíssima forma de organização de atividade consciente do homem, que desempenha papel decisivo em toda a sua vida psíquica” (Luria, 1991, p.35).

É importante ressaltar que na educação musical ao trabalhar com instrumentos de percussão em que as crianças tocam e param nos momentos certos indicados pelo professor, desenvolvem a atenção seletiva de forma lúdica e significativa.

É por meio do processo mediado que o indivíduo se apropria do conteúdo da cultura historicamente produzido e também das atividades cognitivas propostas, dando forma aos processos psicológicos. No movimento dialético, o homem se constitui enquanto ser, por meio da apropriação e interiorização das práticas sociais do gênero humano. Nesse processo, tudo que existe na construção do conhecimento em nossa mente, existiu fora dela, primeiramente nas relações sociais. Desse modo, as funções mentais superiores, são funções culturais e sociais desenvolvidas na mediação, ou seja, dependente da mediação de signos e instrumentos.

Por isso, deve-se considerar como fator importante a relação dialética estabelecida entre o cérebro como base material orgânica do psiquismo humano, a partir de um sistema interfuncional cortical e a atividade humana cristalizada nos diversos tipos de produção humana. A esse respeito, Luria (1988, p.27) esclarece: “é através da interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica”.

Assim, se entendermos que o indivíduo não nasce com seu desenvolvimento pré-determinado, ao contrário, a apropriação da cultura e da linguagem determina a forma de perceber o mundo e a si mesma, podemos justificar a importância da educação enquanto atividade exclusivamente humana. Ou seja, uma consequência da atividade laboral do homem que é tida como fator de mudança, renovação e avanços e como tal deve priorizar a apropriação das máximas produções das criações humanas. Enfim, uma atividade social sem a qual o gênero humano não se reproduz, uma vez que o desenvolvimento psíquico dos indivíduos depende especialmente do conhecimento que lhe é transmitido. Com a interiorização, modifica-se não só a forma, como também o conteúdo da atividade mental da criança.

Segundo explica Vygotski (1996), devemos entender o caminho percorrido pelas funções psíquicas complexas em seu desenvolvimento, o qual vai do âmbito externo (intrapsíquico) das funções, posto pelas e nas relações sociais até o domínio interno (intrapsíquico) destas funções, ou seja, a internalização dos modos de conduta.

Temos repetido em numerosas ocasiões que as formas superiores da memória, da atenção e outras funções, não surgem de improviso como algo acabado, não caem do alto em um certo instante, mas possuem uma longa história evolutiva. O mesmo ocorre com a atenção voluntária. Na realidade, seu desenvolvimento começa com o primeiro gesto indicativo,

com a ajuda do qual os adultos tentam dirigir a atenção da criança e com o primeiro gesto independente da criança, com o qual começa a dirigir a atenção dos outros. Mais tarde, e em forma muito mais desenvolvida, a criança domina todo o sistema destes meios para dirigir a atenção dos demais. Esse sistema de meios é a linguagem atribuída de sentido; passando algum tempo, a criança aplica à sua pessoa as mesmas normas de conduta que outros lhe aplicavam e que utiliza em suas relações com os demais. Desse modo começa a dirigir sua própria atenção, a transferir sua atenção ao plano voluntário (Vygotski, 1996, p. 143).

Nessa perspectiva, cada criança participará do desenvolvimento cultural ou não, conforme as possibilidades de apropriação dos instrumentos e signos que lhes forem ofertados. Por isso, pensamos ser importante ter a educação musical como uma alternativa interessante para o desenvolvimento dessa função fundamental, bem como, para que a sensação, a memória, o pensamento, a linguagem, a emoção tornem-se cada vez mais complexas, uma vez que nenhuma função elementar é superada isoladamente.

Para Davídov (1988), o desenvolvimento psicológico do sujeito, está vinculado ao processo educacional e ao ensino, sendo que é por meio da mediação dos adultos que a criança vai se apropriar das experiências e formas de conduta acumuladas pela humanidade, e assim ampliar o seu rol de conhecimentos. Para o autor, a educação e o ensino devem ser direcionados para o desenvolvimento omnilateral e harmonioso do psiquismo da criança, para que se torne uma educação desenvolvimental, ou seja, uma educação escolar que promova desenvolvimento.

Nesse sentido, explica Vygotsky (2001), o aprendizado antecede o desenvolvimento, desta forma, o professor deve ter claro que a ação docente deve voltar-se, não para aquilo que o educando sabe fazer por si mesmo, mas sim, para o que consegue realizar com ajuda de outrem. O único bom ensino, diz ele, é aquele que se adianta ao desenvolvimento da criança e é organizado adequadamente para este fim. No que se refere, ao ensino musical, quanto maior for o conhecimento do educador maior será a adequação de suas propostas de ensino com vistas ao desenvolvimento de funções psíquica.

Durante a pesquisa de mestrado (Scherer, 2010), observamos que na escola muitos professores, têm dificuldades para organizar estratégias pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento da linguagem musical e de outras formas de linguagem com significado, sem preocuparem-se com a grande influência desse processo no desenvolvimento social e psíquico do sujeito. Percebemos um esvaziamento do trabalho pedagógico musical, desencadeando, conseqüentemente, uma aprendizagem insatisfatória e uma socialização deficitária.

No contexto educacional ocorrem questionamentos, como por exemplo: Como o ensino escolar da música pode gerar aprendizagens promotoras do desenvolvimento de funções psíquicas, em especial a atenção voluntária e imaginação e contribuir para a não medicalização?

4 EDUCAÇÃO MUSICAL E MEDICALIZAÇÃO: APROXIMAÇÕES...

Podemos pensar que a música, como elemento cultural e mediador contribui para o desenvolvimento da comunicação verbal ao permitir de forma lúdica a auto expressão da criança, e também por se constituir em uma forma de linguagem com significados e sentidos. Deve-se também, além de propiciar à criança a possibilidade de utilizar a música como meio de expressão, seja de seu pensamento como de seus sentimentos, mais um instrumento extremamente rico em sua interação no grupo. Como aponta Duarte (2009, p.470) “[...] a questão central da pedagogia não se reside nas relações entre professor e aluno ou dos alunos uns com os outros, mas sim nas relações que professor e alunos estabelecem com os produtos intelectuais da prática social humana”.

Nessa perspectiva, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos estudantes por meio da apropriação consciente e ativa dos conteúdos, em cujo processo se leva em conta os motivos dos alunos. No entanto, para que ocorra efetivamente a instrumentalização para o uso dessa metodologia é necessário, conforme Asbahr e Nascimento (2013), que o sujeito do processo de ensino e aprendizagem, o professor, assuma o papel de mediação entre os dois polos da relação: imediato (conhecimentos empíricos) e o mediato (conhecimentos teóricos) para que os estudantes atinjam as máximas produções e não permaneça apenas no imediato das suas experiências cotidianas.

É sabido que o ensino e a educação alcançam finalidades específicas se atividade própria da criança for competentemente orientada, quando esta atividade é interpretada abstratamente e, principalmente, quando existe uma ruptura no processo de desenvolvimento em relação à educação e ao ensino, surgirá uma contraposição entre as necessidades da natureza da criança e os requisitos da educação. Qualquer tentativa do professor de trabalhar com conhecimentos e normas morais e passar por alto a atividade própria da criança, prejudica as bases do seu desenvolvimento moral e mental, da sua educação e de suas qualidades pessoais (Daviđov, 1988).

Concordamos com o autor, quando afirma que o papel fundamental da educação escolar seria propiciar a todos os alunos a transmissão e a assimilação da cultura produzida

historicamente independente de sua condição física, mental ou intelectual, para que isso ocorra deve haver planejamento e organização do ensino, seja ele musical no nosso caso, ou qualquer outro conteúdo escolar.

Segundo Mukhina (1995), a atenção, memória e a imaginação, são funções psíquicas que demoram em ser autocontroladas, uma vez que, a criança não tem domínio de ações específicas que lhe possibilitem se concentrar em algo, lembrar ou imaginar algo para além do que ela pode vivenciar. Por isso, a autora argumenta sobre a importância de atividades formativas na pré-escola, nas quais devem ser enfatizadas tarefas de se concentrar em algo, lembrar e reproduzir algo, elaborar a ideia de um jogo, de um desenho, recursos mediadores utilizados em atividades musicais. Ao resolver esses problemas mediados pelo professor a criança desenvolverá um caráter voluntário e premeditado. Na medida em que as atividades se tornam mais complexas e amplia seu desenvolvimento psíquico, a atenção passa a ser mais concentrada e estável. Isto é, a transformação da atenção involuntária para a voluntária ocorreria no contexto de práticas educativas que promoveriam as máximas possibilidades de desenvolvimento de cada estudante.

Nesse sentido, apresenta possibilidades na contramão da “indústria das patologias” (Franco, Tuleski & Eidt, 2016), uma vez que, em lugar de propor o aumento de crianças medicalizadas admite uma análise histórica e social dos aspectos que compreendem o processo de desenvolvimento do indivíduo, ou seja, a modificação da conduta por meio da apropriação de signos por meio de tarefas psicológicas. Breves reflexões que nos inquietam por entendermos que a música ainda é, infelizmente, uma das áreas do conhecimento menos utilizada na escola de forma organizada e intencional, sendo vista apenas como mais uma recreação ou como um elemento para tarefas do cotidiano da educação infantil.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste texto, não tivemos a pretensão de esgotar o assunto e menos ainda solucionar os problemas que envolvem a temática, apenas levantar questões que nos inquietam com vistas a futuras discussões. Quando pensamos nas possibilidades de desenvolvimento do psiquismo propostas por discussões vigotskianas que poderiam advir da educação musical na educação infantil, nos remete a precária formação dos professores e seu embasamento teórico-metodológico para sua atuação em sala de aula que não colaborariam para esse processo.

Concordamos com Vigotski (1995) ao enfatizar a importância dos signos enquanto recursos mediadores psicológicos que contribuem para a modificação do autodomínio da

conduta, bem como, dos instrumentos culturais (ferramentas) que têm como função modificar a realidade externa da natureza por meio da apropriação e incorporação a sua atividade vital. Desse modo, coloca-se como aspecto universal do desenvolvimento humano: o ensino, uma vez que, as neoformações histórico-culturais (funções psíquicas superiores) como veem acima, são responsáveis pela atividade consciente do ser humano. O preocupante, é que a criança desenvolverá ou não capacidades e potencialidades plenas do gênero humano somente por meio de uma organização de ensino que promova a apropriação plena desses signos e instrumentos culturais. O que prescindirá de um professor que tenha se apropriado adequadamente das máximas produções culturais da humanidade, entre elas a música, objeto de nosso estudo, para propiciar a criança a oportunidade de deixar de se mover apenas por leis biológicas e passar a agir por meio de elementos simbólicos desencadeadores do desenvolvimento do psiquismo.

Nessa ótica, a música tem muito a contribuir por meio de manifestações/ produções sonoras, movimentos corporais e ritmos, que complexificariam os sentidos e funções psíquicas importantes, entre elas, a atenção voluntária. Para que isso ocorra, defendemos um ensino intencional organizado, fazendo com que as crianças adquiram a leitura do ser individual e social, e, desse modo, transformem suas relações interpessoais. Mediações educativas formadoras de neoformações que poderiam evitar concepções ideológicas favoráveis à medicalização e a culpabilização do indivíduo pelo não aprendizado escolar.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, F. S. F. NASCIMENTO, C. P. (2013) Criança não é manga, não amadurece: Conceito de maturação na Teoria Histórico-Cultural. *Anais... Revista Psicologia: ciência e profissão*. n.33 p414-427.

BRITO, M. T. A.(2003) *Música na educação Infantil*. São Paulo: Peirópolis.

DAVÍDOV, V. V. (1988) *La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico*. Moscú: Editorial Progreso.

DUARTE, N. (2009) Arte e educação contra o fetichismo generalizado da sociedade contemporânea. *Anais... Perspectiva*, Florianópolis, v,27, n.2, p.461-479, julho/dez.

FIGUEIREDO, S. L. F. (2011) Educação musical e legislação educacional. In: *Educação musical escolar*. Ano XXI Boletim 08//06/2011. Salto para o futuro. Brasília.

FRANCO, A. F., TULESKI, S. C., EIDT, N. M. (2016) O uso de medicamento controlado na educação infantil: Um retrato preliminar do terceiro maior município paranaense. In: CAMPOS, H. R., FACCI, M. G. D. , SOUZA. M. P. R.. (Org) *Psicologia e Políticas educacionais*. Natal, RN: EDUFRN.

GONOBOLIN, F. N. (1969). La percepción. In SMIRNOV, A., LEONTIEV, A. E., RUBSTHEIN, S. L., TIEPLOV, B. M. (Org). *Psicologia*. Trad. Florêncio Villa Landa. México: Grijaldo. p.144-176.

LEONARDO, N. S. T., SUZUKI M. A. (2016) *Medicalização dos problemas de comportamento na escola: perspectivas de professores*. Fractal: Revista de Psicologia, v.28, n.1, p.46-54, jan-abril.

LURIA, A. R. (1991). *Curso de Psicologia Geral*. 2 ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, vol.3.

LURIA, A. R. (1988) In: VIGOTSKI, L. S. LURIA, A. R. LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone. P.21-37.

LOUREIRO, A. M. A.(2003) *O ensino da música na escola fundamental*. São Paulo: Papirus.

MARX, K. , ENGELS, F. (2007) *Ideologia Alemã*. São Paulo: Bointempo.

MOYSÉS, C. A. L. COLLARES, M. A. A.(2014) *A educação na era dos transtornos*. In: VIÉGAS, L. S. (et al.) Org. *Medicalização da sociedade: ciência ou mito?* Salvador: EDUFMA.

MUKINA, V. (1995) *Psicologia da idade pré-escolar*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.

PATTO, M. H. S. (2010) Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo.

In: Conselho regional de Psicologia de São Paulo e Grupo Interinstitucional Queixa Escolar. (Org.) *Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais à doença de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, v.1, p.57-68.

PARANÁ. (2006). *Diretrizes Curriculares de Arte e Artes para a Educação Básica*. SEED. Curitiba, 2006.

SOKOLOV, A. N. (1969). La memoria. In SMIRNOV, A., LEONTIEV, A. E., RUBSTHEIN, S. L., TIEPLOV, B. M. (Org). *Psicologia*. Trad. Florêncio Villa Landa. México: Grijaldo. p.201-231.

SCHERER, C. A. (2010). *Musicalização e desenvolvimento Infantil: um estudo com crianças de três a cinco anos*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós Graduação em Educação, área de concentração: Aprendizagem e ação docente: Maringá.

VYGOTSKY, L. S. (1991). *A formação social da mente*. Trad. José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKI, L. S. (1996). Paidologia del adolescente. *Obras Escogidas*. Tomo IV. Madri: Visor, p 9-248.

VYGOTSKI, L. S. (1995). El problema do desenvolvimento de las funciones psicologicas superiores. V. III, *Obras Escogidas*, Madri:Visor.

VYGOTSKY, L. S. (2001). *Psicologia pedagógica*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.